

O hiperconto, a escola e a formação do leitor literário

Letícia Queiroz de Carvalho¹
Rogério Carvalho de Holanda Correio²

Resumo: O artigo busca entender o uso do gênero da literatura digital hiperconto como objeto de aprendizagem para o ensino da leitura literária e a formação do leitor literário na educação básica. Espera-se, a partir da análise de “Um estudo em vermelho”, de Marcelo Spalding, uma narrativa produzida num contexto hipertextual baseada no romance policial *Estudo em Vermelho* (*A Study in Scarlet* no original em inglês) escrito por Sir Arthur Conan Doyle, obter uma reflexão acerca das relações estabelecidas entre o surgimento de uma literatura digital e algumas práticas de leitura dirigidas aos jovens no contexto escolar, bem como destacar que os novos suportes textuais digitais estão ligados ao surgimento de uma linguagem marcada pela hipertextualidade e pela hipermedialidade. Em seguida, procura-se mostrar que os exemplares de criação literária decorrentes da tecnologia digital encontrados na web são ótimas oportunidades para aproximar os estudantes das produções literárias em seu percurso como leitores.

Palavras chave: Hiperconto. Ensino. Leitura Literária. Formação de Leitor.

Hyperfiction, school and the literary reader's formation

Abstract: This article aims to understand the use of the hyperfiction genre of digital literature as an object of learning for the teaching of literary reading and the literary reader's formation in basic education. It is expected, from the analysis of Marcelo Spalding's “Um Estudo em Vermelho” (“A Study in Scarlet”), a narrative produced in a hypertextual context, based on the detective novel *A Study in Scarlet*, written by Sir Arthur Conan Doyle, to obtain a reflection about the relations established between the emergence of a digital literature and some reading practices directed at young people in the school context, as well as to point out that the new digital textual supports are linked to the emergence of a language marked by hypertextuality and hypermedia. Afterwards, samples of literary creation derived from the digital technology, found in the web, are presented as excellent opportunities to bring students closer to literary productions in their journeys as readers.

Keywords: Hyperfiction. Teaching. Literary Reading. Reader Formation.

¹ Doutora em Educação e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Ifes - campus Vitória, na área de Linguagem, Literatura e Língua. Docente do Mestrado Profissional em Letras e do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades.

² Possui graduação em Letras-Português e especialização em Estudos Linguísticos: da gramática ao discurso pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Desde 2005 pertence ao quadro efetivo do magistério da rede pública estadual de ensino do Espírito Santo e desde 2006 pertence ao quadro efetivo do magistério da rede pública municipal de ensino de Vitória.

Textura	Canoas	v. 20 n. 43	p.172-193	maio/ago 2018
---------	--------	-------------	-----------	---------------

Introdução

A literatura é essencialmente importante na formação humana, pois através dela o sujeito pode satisfazer suas necessidades e ainda assumir uma atitude consciente em relação ao mundo. Nessa perspectiva, o subtítulo “A especificidade do texto literário” (BRASIL, 1998. p. 26), inicia definindo-o como “O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua” (BRASIL, 1998. p. 26).

Por meio da leitura literária pode-se formar um cidadão crítico e ativo, com consciência e autonomia, capaz de pensar e interferir na realidade que o cerca. São essas as capacidades essenciais advindas do exercício crítico da leitura as quais os nossos alunos não estão adquirindo e por isso tornam-se menos aptos a atuar na sociedade para modificar situações problemáticas e limitadoras de suas autonomias, bem como garantir a si melhores condições de vida. Nesse sentido, Lajolo (2014) explica que a interlocução entre educação, arte, cultura e informação realiza-se incessantemente nas ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, exigindo do educador a sensibilidade e a habilidade para introduzir a literatura nesse processo interativo, não apenas como instrumento didático pedagógico, mas, principalmente como possibilidade de reconhecimento do mundo e da história da humanidade através da arte (LAJOLO, 2004, p. 106).

Nesse cenário, é oportuno assinalar que os modos de produção, leitura e circulação do texto sofreram alterações que, no decorrer da história ocidental, provocaram verdadeiras revoluções, especialmente, após o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação. Em consonância com essa revolução, muitos conteúdos literários direcionados ao público infantil e juvenil têm sido produzidos em suporte eletrônico para circular e serem lidos nesse formato. Sendo assim, torna-se necessário, no âmbito dos estudos e análises de práticas de leitura na educação básica, discutir as possibilidades de leitura, criação e construção de sentidos em mídias digitais pelo uso das Tecnologias de Informação e comunicação (TIC's) no contexto da ciberliteratura, além, é claro, de criar estratégias metodológicas para o uso de ferramentas que permitam o ensino criativo da literatura, por meio da

interatividade e da produção textual colaborativa em ambientes virtuais. No processo de ensino-aprendizagem da leitura literária e de formação de leitor de literatura, é necessário que haja uma integração e que sejam utilizadas as tecnologias da informação e da comunicação para ensinar a ler e a escrever melhor porque elas são usadas pelos alunos como outro meio para as práticas de leitura e escrita.

A imersão de crianças, jovens e adolescentes em atividades de leitura e escrita nos ambientes digitais leva-nos à constatação da necessidade da escola considerar tais práticas discursivas. Nesse sentido, pressupõe-se que a escolha pelo hiperconto, como objeto de aprendizagem, no ensino da leitura literária na educação básica, possibilita o desenvolvimento do leitor mais participativo no processo de ensino-aprendizagem.

Um hiperconto é uma narrativa curta, como um conto, mas que faz uso dos hipertextos para aumentar a interação do leitor com o texto, normalmente o fruto dessa interação é a não linearidade, múltiplos desfechos e interação com outras mídias. Por isso, acreditamos que esse gênero digital, como ferramenta de apoio ao professor, permite novas formas de abordagem de um determinado conteúdo digital em sala de aula, numa perspectiva inovadora, além de servir para motivar os alunos devido ao suporte midiático que caracteriza e especifica esse gênero discursivo. Por fim, acreditamos que ao unir a leitura literária à tecnologia, não só oportunizamos ao nosso aluno adentrar no ambiente virtual, mas também buscamos formar leitores ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo deste texto buscamos compreender de que maneira a literatura digital, em especial a escolha pelo gênero hiperconto, como objeto de aprendizagem, no ensino da leitura literária na educação básica, possibilita o desenvolvimento do leitor interativo, criativo, no contexto da sala de aula. Para fundamentar os tópicos acerca da leitura e da literatura na era digital buscamos sustentação teórica em Levy (1999), Marcushi (2010), Xavier (2010), Rojo (2012), Coscarelli (2002, 2007), Ribeiro (2002, 2007), Santaella (2010), Hayles (2009), Simanowski (2004). Para enriquecimento da discussão sobre a literatura digital e a sua repercussão sobre a produção literária para crianças e jovens contamos com a colaboração de Cunha (2009, 2014); Baseio (2014); Kirchok (2011), Ramos (2014) e Yoo (2007). Para a constituição de nosso eixo analítico sobre o hiperconto, buscamos as contribuições de Spalding (2012), Rojo (2012) e Vilarouca (2012).

Ao final deste artigo esperamos contribuir para a compreensão acerca das bases teóricas que sustentam as concepções de ensino da literatura e formação de leitor em meio digital, sobretudo no que diz respeito a uma versão do conto canônico adaptada para a era digital, o hiperconto, e, em especial, no que se refere às orientações direcionadas à literatura na escola e os seus desdobramentos na educação literária, institucionalizada, formalizada, além de possibilitar, é claro, a reflexão de que a educação literária pode ter origem nas práticas pedagógicas de leitura e formação de leitores, mas que primeiramente precisa ser embasada em políticas públicas que reconheçam o caráter da literatura como experiência estética, e possam democratizar o acesso à leitura literária em diversos suportes de leitura, inclusive o digital.

Leitura e literatura na era digital: a identidade de um novo leitor

Com a oportunidade de veiculação de textos por meio da rede mundial de computadores, vê-se o crescente despertar da leitura hipertextual pelo público usuário desses artefatos tecnológicos. O tempo utilizado em frente à tela do computador, atrelado ao grande número de ferramentas disponibilizadas pela máquina, que tornam o texto literário mais atraente e acessível, faz com que o padrão estabelecido de leitura literária seja quebrado e remoldado a um novo viés de leitura, agora pautada nos pressupostos da tecnologia da comunicação, proporcionando ao público novas maneiras de ler literatura.

A aprendizagem em um mundo globalizado, no qual o ato de navegar virtualmente ressignifica o âmbito educacional, exige que o papel do mediador de leitura não tenha mais a mesma passividade, mas que o professor seja mais atuante, auxiliando o aluno na utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC).

Insurge nesse ponto da discussão a necessidade de analisarmos o papel do leitor no ambiente virtual, uma vez que esse sujeito leitor se constitui como peça fundamental nesse processo. Pensar no leitor como um agente ativo no processo de construção de um hipertexto é verificar a função que este passa a exercer na relação entre obra hipertextual e no ato de leitura.

Santaella (2004, p. 33) apresenta o perfil cognitivo do leitor imersivo (virtual), mostrando que na era digital traça-se um novo modelo de leitura,

totalmente avesso ao desempenhado pelo leitor contemplativo do livro impresso:

Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode contar uma outra grande rede numa outra dimensão.

A principal característica desse tipo de leitor está na capacidade interativa. Ele não se prende mais à linearidade de um texto, a uma leitura dirigida pela escrita do autor, indicando o caminho a seguir. Vê-se, agora um leitor atento, em frente à tela, conectando-se entre links multilineares e labirínticos, dialogando em um processo de construção interativa com as palavras em um hipertexto.

O leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [Trata-se de] um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc. (SANTAELLA, 2004, p. 33)

Santaella (2007) parte da hipótese de que a navegação interativa pelo ciberespaço gera transformações perceptivas, sensoriais e cognitivas tendo como consequência a formação de um novo tipo de sensibilidade corpórea, física e mental.

A leitura de um hipertexto põe em ação, por meio de conexões, uma dinamicidade de leitura. O leitor agora está diante de textos constituídos em blocos não lineares, conectados entre si, compostos por uma escrita dinâmica, com várias entradas que remetem à ideia de um labirinto, criando um novo modo de ler. Segundo Santaella (2004, p. 175), “[...] a leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo”. É, pois, uma leitura, cujo significado se constitui à medida que o leitor faz suas associações também com outros textos, por meio dos links, tornando-se coautor na produção de sentidos do texto, participando ativamente desse processo.

Cumpre aqui destacar que a relação entre a linguagem e o texto literário se estabelece na medida em que se desenvolvem ou evoluem os conceitos e o

entendimento sobre a aplicação do uso da língua nas sociedades humanas. Os suportes que agora “carregam” os textos literários distanciam-se dos modelos puramente impressos, e ganham novos espaços que, até pouco tempo, não eram habitação desse gênero textual. Entende-se aqui como suporte “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação da materialização do texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

É importante analisar o papel determinante do veículo textual e, no caso específico do texto literário, especialmente, já que é o suporte que fará com que a produção do autor, do literato, transite em diversos contextos sociais, tornando a escrita circulante e acessível, para os fins comunicativos que objetiva alcançar. Promover uma nova maneira leitora, unindo a leitura literária e os novos suportes tecnológicos, sem desprezar, logicamente, o livro impresso e seu valor material, faz-se necessária.

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais, as memórias eletrônicas, as hibridizações, como afirma Santaella (2007, p. 330), abrem “[...] ao artista e literato, horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade”.

Assim, concordamos com Rosing que formar leitores de textos literários no contexto da era da imagem e da era da sofisticação tecnológica implica estar aberto à vinculação desses textos a diferentes suportes, utilizando-se linguagens de natureza variada. Abre-se um espaço para que formemos leitores mais críticos, capazes de interagir com essa pluralidade, sem que a literatura em sua forma tradicional de apresentação seja desprestigiada: o livro (ROSING, 1999).

Para entendermos melhor como se dá essa relação entre homem e máquina, entre ler um texto impresso e redimensionar esse papel leitor para um novo paradigma que expresse as representações virtuais da literatura, trazemos considerações sobre o hipertexto e sua relação com a literatura.

A primeira definição de hipertexto surgiu em 1965, defendida por Theodore Nelson, “[...] para exprimir a ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LÉVY, 1993, p. 29). Entretanto, é possível dizer que o seu surgimento, apesar de ser relacionado com o desenvolvimento e avanço da tecnologia e da informática, começou muito antes disso.

A recepção não hierárquica do texto não chega a constituir uma revolução radical implantada pelo hipertexto, haja vista que as notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisão em capítulos encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao leitor caminhos alternativos a serem trilhados. Eles podem levar os leitores a fazerem quebras na linearidade da leitura (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 213).

O conceito que define o hipertexto neste estudo é o que ocorre prioritariamente online, nas atividades com o uso do computador, entendido como assevera Lévy:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda como nó, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (1993, p. 33).

“O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade” (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 209). Apesar de fornecer essa possibilidade de acesso imediato e instantâneo a vários textos e a várias leituras, “[...] o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata” (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 209).

O ato de ler essa forma híbrida e não linear de texto exigirá do usuário um esforço para a realização de atos inferenciais, devido à sua deslinearização, determinando que o leitor seja mais ativo nesse processo, desenvolvendo habilidades ligadas à “riqueza dos modos enunciativos” (XAVIER, 2009, p. 175) dos hipertextos, às percepções das várias linguagens disponibilizadas no meio hipermidiático.

No campo dos estudos literários, não se pode esquecer de que o hipertexto sempre esteve presente na literatura. Trazida pela capacidade intertextual dos escritos literários, a hipertextualidade é representada pela

instrumentalidade do texto literário que, através dos diálogos com outros escritos, com a própria cultura e com os fatos históricos que o permeiam, remete o leitor a outros “acessos” por meio da leitura que realiza.

Feita a combinação entre hipertexto e a internet e tendo como limiar os efeitos de tal parceria, a definição de texto literário se modifica. O processo de leitura até então desenvolvido frente a um livro impresso é altamente modificado pelas ramificações e pelos nós permitidos no ciberespaço.

Assim, o texto hipertextual tem como característica principal ser um documento digitalizado, apresentando vários planos, que contêm informações relacionadas entre si por meio de “links” associativos, a fim de compor novas estruturas narrativas ou teias poéticas, submetidas à intencionalidade do leitor ou à proposta estética do autor.

Surge o princípio da interatividade: participação do leitor na elaboração do texto, escolha de caminhos e estruturação narrativa. A reprodução para o meio eletrônico é feita por escanerização ou digitação dos textos, com as palavras-elo destacadas ou ainda pela introdução de ícones representativos da temática da obra ou do bloco. Quanto ao princípio da reproduzibilidade, os textos hipertextuais ainda podem ser reproduzidos, mas por blocos, devendo o leitor fazer as ligações pertinentes quando impressos. Quando isso ocorrer, haverá a perda do valor estético, tendo em vista que tais textos habitam o meio tecnológico e são decorrentes dos processos sócio-culturais deste.

Como se percebe a partir dessa breve análise, a transformação a que o texto impresso é submetido no ambiente virtual acaba influenciando diretamente sobre a maneira como a leitura é realizada. Diferente de um texto impresso, o texto digital convida o leitor para se tornar uma espécie de coautor, pois “ler” um hipertexto geralmente requer “interagir” com o que se está lendo e realizar escolhas, de modo que o resultado final da leitura pode diferir cada vez que esta é realizada. De modo semelhante, a hibridação entre diferentes linguagens (visual, escrita e sonora) propiciada pelos recursos hipermidiáticos da literatura eletrônica faz com que a sua leitura se assemelhe muito mais à fruição de uma performance do que à decodificação de um texto linear.

Nesse processo, é possível pensar que, se tais deslocamentos no suporte da escrita implicam deslocamentos no processo da leitura, talvez se possa falar no surgimento incipiente de uma nova categoria de leitor literário, o ciberleitor: uma identidade ainda em formação, mas que aponta para traços inexistentes (ou existentes em uma intensidade diferente) na identidade do

leitor em suporte impresso, tais como a interatividade, a multisequencialidade, o descentramento, a performatividade, entre outras.

Com base nesses pressupostos, falar da escrita literária no ciberespaço é falar de outras artes, outras linguagens, outros gêneros, que para aí convergem. Por conseguinte, repensar e modificar a maneira de ler o texto literário e propor atividades de leitura que levam a leitura literária em meio digital contribui para a vida social e cognitiva do sujeito, levando-o a desenvolver sua capacidade de crítica e argumentação, além de fazê-lo compreender o mundo em que vive e se sentir parte dele.

A apresentação e exploração dos gêneros digitais para crianças e adolescentes da educação básica aqui proposta leva em consideração tanto as similaridades existentes entre os diferentes gêneros nos dois ambientes quanto o reconhecimento de que o aluno deve ser capaz de escolher que gênero deve ser utilizado em cada situação e ambiente de comunicação. Para a realização do trabalho aqui proposto, selecionamos o gênero hiperconto (digital). Nossa proposta dialoga diretamente com a concepção de Rojo (2012), por pressupor uma imersão em práticas culturais de leitura e escrita (digital), relacionando-as com outras manifestações culturais (digitais e não digitais), através de análises sistemáticas desse gênero da literatura digital (hiperconto), levando-se em consideração a diversidade de linguagens e as reais condições de produção e circulação dos exemplares encontrados na *web*.

Para Rojo (2012) é de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços da circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita. Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio delas (ROJO, 2012). Nessa perspectiva, a autora explica que

É preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas (ROJO, p. 7, 2013).

Com base nos estudos de Coscarelli (2002, 2003, 2007) e Ribeiro (2007), partimos do princípio de que não há habilidades diferentes para a leitura e escrita de textos digitais e não digitais. O que existe é uma ampliação dos usos da linguagem os quais exigem outras habilidades (como as habilidades de navegação próprias do ambiente digital, por exemplo). Os textos digitais, que se caracterizam pela alta interatividade (MARCUSCHI, 2010), promovem uma integração entre imagem/som/texto escrito/tabelas/gráficos/vídeos a qual demanda habilidades para relacionar informações, e esse trabalho com a multimodalidade dos textos não pode ser negligenciado pela escola. Concordamos com Paiva (2013), segundo o qual o meio digital, por promover a integração de diversas linguagens, contribui para o desenvolvimento dos letramentos visual e digital.

De acordo com um dos idealizadores do Movimento Literatura Digital, Marcelo Spalding, ao aproximar a leitura e a literatura de alguém que não esteja habituado com livros, mas seja familiarizado com computadores e *tablets*, a literatura digital pode, sim, formar leitores, incentivar a leitura, sendo inclusive uma ótima opção para as crianças e adolescentes da educação básica (SPALDING, 2012). Entretanto, estudos comprovam que o grande problema da falta de leitura no Brasil é o baixo investimento em educação. Muitos jovens saem das escolas sem a proficiência de leitura necessária para lerem criticamente um romance, por exemplo, e soma-se a isso o desprestígio social da leitura em nosso país. Dessa forma, parece que o que realmente forma leitores é o professor, é a escola, a educação. Mas a literatura digital pode ser uma aliada nesse árduo processo. Nesse sentido, Ezequiel Theodoro da Silva explica que:

A aprendizagem anterior e continuada do professor deve levá-lo a uma criticidade e coerência permanente no momento de tomar decisões pedagógicas, no encaminhamento de jovens que tem pela frente e que lhe cabe situar na vida. Deve inclusive ajudá-lo a ver que, hoje em dia, a exposição seguida de memorização tem pouco a ver com as teorias relacionadas com a aprendizagem duradoura significativa. Além disso, nesse mundo onde as mudanças são rápidas, as pessoas têm que de aprender a aprender – e por vezes a desaprender para reaprender –, a fim de acompanhar as rápidas transformações que ocorrem (SILVA, p. 180. 2004)

Diante das influências acarretadas pelas tecnologias digitais, surge a indicação de reflexões sobre o uso da atração tecnológica a favor da expansão e da experimentação em textos literários. A sociedade do século XXI conta com diversos recursos digitais que influenciam diretamente no modo de vida e nas relações estabelecidas entre as pessoas e, nesse mesmo cenário, encontra-se a dinâmica de produção, circulação e leitura do texto a partir do uso das NTICs. Dessa forma, novas práticas literárias nascem e se propagam no ciberespaço exigindo um leitor capaz de promover a atualização em contexto intersemiótico.

Tendo feito essas considerações, compreendemos que a literatura para crianças e jovens, na atualidade, tem se revelado como um caudaloso rio para o qual confluem múltiplas possibilidades de linguagens e diferentes sistemas narrativos. A essa rica e desafiadora paisagem, na qual se adensam signos de diferentes gêneses, cabe um olhar atento dos novos pesquisadores. Sob essa perspectiva, torna-se necessário abordar a Literatura Infantil e Juvenil em face de alguns dos desafios impostos pela contemporaneidade. Portanto, discutir sob um ponto de vista teórico algumas relações que se estabelecem entre os meios produtores de linguagem e a literatura contemporânea para crianças e jovens é o objetivo central do tópico a seguir.

A literatura digital e a sua repercussão sobre a produção literária para crianças e jovens

Cumpra aqui ressaltar que, inicialmente, existem muitas maneiras de um texto impresso migrar para o ambiente digital. Uma das sistematizações possíveis foi sugerida por Yoo (2007, p. 15, apud KIRCHOF, 2016), que acredita existirem cinco modos diferentes para o texto literário se manifestar no ciberespaço: em primeiro lugar, existe a mera literatura digitalizada, que corresponde a textos que foram produzidos para o suporte impresso e, em seguida, disponibilizados em meio digital. Esse tipo de texto – como os clássicos que se encontram hoje disponíveis para acesso na rede – praticamente não faz uso de recursos típicos das linguagens das novas tecnologias da informação e da comunicação. De modo semelhante, há textos que, embora tenham sido produzidos a partir de recursos digitais, tampouco fazem uso da linguagem hipertextual ou de recursos hipermediáticos. Yoo denomina esse tipo de texto como editoração colaborativa. Outra possibilidade

são os textos colaborativos, que surgem geralmente a partir de experiências coletivas de criação, em blogs, salas de bate-papo ou a partir de programas como MUDs e MOOs. Embora seu processo de produção não fosse possível sem o recurso da rede, geralmente esse tipo de texto, em sua versão final, também apresenta uma estrutura linear e marcada predominantemente por elementos da escrita em suporte impresso.

Nesse contexto realçado pelas tecnologias digitais, uma nova oferta de leitura é apresentada ao público leitor: a literatura digital. É aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel, pois utiliza ferramentas próprias das novas tecnologias, como animações, multimídia, hipertexto, construção colaborativa. Em outras palavras, é aquela que passa a utilizar os recursos semióticos inerentes ao ciberespaço. Claro que um projeto de literatura digital não contém tudo isso ao mesmo tempo, assim como um filme pode prescindir dos efeitos visuais ou usá-los de forma comedida. Cada projeto de literatura digital tem uma forma de lidar com essas ferramentas, considerando a limitação do autor ou da equipe de criação e, principalmente, o efeito estético pretendido com a obra.

Segundo Yoo (2007, apud KIRCHOF, 2016) , há duas principais tendências: os autores exploram predominantemente a hipertextualidade e/ou a hipermedialidade. Destaque-se, contudo, que o que ocorre com mais frequência é o uso conjunto de ambos os recursos. No caso de predomínio do primeiro, Yoo fala de literatura hipertextual e, do segundo, prefere falar de literatura hipermediática. O autor reserva o conceito “literatura digital” para tratar de ambas. Note-se, contudo, que o uso desse termo não é consensual por parte da crítica contemporânea, pois alguns dos conceitos também empregados com frequência são hiperficção (SIMANOWSKI, 2002, apud KIRCHOF, 2016), literatura eletrônica (ANTONIO, 2008; HAYLES, 2008), entre outros.

Na literatura em ambiente digital a linguagem é típica do ciberespaço, isto é, hipertextual, interativa e multimídia, o que permite, ao leitor, entre outros, seguir diferentes caminhos na leitura (hipertextualidade), interagir com outros leitores/autores simultaneamente ao ato da leitura (interatividade), além de fruir de sentidos não criados unicamente a partir do suporte escrito, mas também

da hibridação da escrita com códigos sonoros e imagéticos. Na verdade, o suporte eletrônico leva a uma leitura marcada pelo descentramento ou multicentramento bem como pela multilinearidade.

Desse modo, a literatura digital dissemina-se e torna-se cada vez mais acessível e diversificada, mostrando-se desterritorializada e com adeptos em todos os lugares, inclusive no Brasil, destinando-se a todos os públicos, inclusive o infantil. Sob esta ótica, pretende-se apresentar nesta seção em que medida as alterações a que a literatura contemporânea tem sido submetida a partir do desenvolvimento da tecnologia digital são capazes de criar alguns deslocamentos na produção literária para crianças e jovens, sobretudo, no que concerne à identidade do leitor infantojuvenil, permitindo, talvez, que se fale de uma nova categoria de leitor literário, uma identidade ainda em formação, a saber, o ciberleitor infantojuvenil.

A literatura infantojuvenil, especialmente a poesia, tem sido modificada a partir de criações em meio virtual, nas quais as potencialidades da linguagem hipertextual e hipermediática são exploradas de diferentes modos. O número crescente de autores de literatura infantojuvenil que têm criado sites, na Internet, com diferentes propósitos, motivou a reflexão acerca da relação desse leitor com a incipiente literatura digital produzida para crianças e adolescentes brasileiros.

Todavia, tal literatura dirigida ao público infantil é, de certo modo, limitada. São poucos os exemplos de obras que utilizam a linguagem intersemiótica possibilitada pela tecnologia digital para a produção de uma literatura cujo viés seja a hibridização linguística. Assim, é mais comum encontrar sites que funcionam como divulgação de obras impressas ou de transposição do impresso para o digital, do que espaços de publicação de obras genuinamente digitais.

Entre os sites de literatura infantil que têm como primeiro plano um conteúdo que atende ao conceito de literatura digital e utiliza nos textos uma linguagem completamente híbrida é o da escritora e ilustradora mineira Angela Lago, *angela-lago.net.br*. Nele, assim como

em toda literatura digital, “[...] a palavra deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto” (ANTONIO, s.d).

Logo que ele é acessado, abre-se uma tela vermelha com um retângulo preto no centro, contendo, na parte superior, nome e sobrenome da autora: Angela Lago. Como mágica, essas nomenclaturas se desmaterializam diante do leitor de modo que o nome *Angela* se transforma em um *anjo* e a palavra *Lago* retoma seu sentido denotativo e submerge a personagem angelical, fazendo-a desaparecer. Em seguida, números fantasiados de animais saltitam na tela informática e, enfim, surgem ilustrações que simulam um sumário, oferecendo distintas oportunidades de leituras e deixando ao pequeno *leitor-navegador* a definição de qual *livro-link* irá ler: na parte inferior da tela, poderá seguir *Chapeuzinho Vermelho* ou o cão esquelético, ou, ainda, divertir-se com um ABCD personalizado; um pouco acima, está uma discreta nave espacial desenhada em linhas brancas que, ao toque do cursor, revela o *link ciberespacinhomyoldhtmsite*; na parte superior, acessam-se as informações sobre a autora e a uma amostra de seus livros – além de um espaço reservado aos professores. Tem-se na verdade, uma verdadeira coletânea de literatura digital

Em *angela-lago.net.br*, é utilizada uma linguagem intersemiótica que resulta em uma literatura que extrapola a figuração das palavras, ora constituído por palavras, ora por imagens, os links da página principal poderão encaminhar o leitor a outros links no interior dos hipertextos inicialmente acessados, à medida que a leitura avança. Tudo isso, frequentemente, acompanhado por animações e por uma introdução sonora que se altera conforme o rumo escolhido. A partir de cliques, o leitor poderá, então, desencadear diferentes situações de leitura, por vezes, usando apenas uma matriz, a visual; por outras, uma linguagem totalmente híbrida. Nessa perspectiva, “[...] produzir literatura seria correlacionar diferentes sistemas semióticos, o que, inevitavelmente, procura uma dinâmica ininterrupta de modificações, na qual as artes tentam se rearticular na realidade mutável da linguagem” (BASEIO; CUNHA, 2012, p. 2).

Ainda que o site de Angela Lago divulgue obras impressas, tal ambiente virtual se torna ímpar por oferecer uma literatura cuja linguagem é multimodal, híbrida, e que depende do meio digital para acontecer. Desse modo, a publicidade ocupa um plano inferior – praticamente, irrisório – e o ambiente se torna um repositório de literatura eletrônica gratuita e liberta das amarras espaciais e temporais.

Segundo Rojo (2012), a alta modernidade impõe aos alunos textos cada vez mais semióticos, o que demanda da escola uma postura de ensino que vá ao encontro dessa realidade. Com intuito de possibilitar crianças e jovens da educação básica ao enfrentamento dessas semioses, abordaremos no próximo tópico a mediação de uma leitura qualificada de um texto digital multissemiótico, no caso específico um exemplar de gênero da literatura digital hiperconto: “Um estudo em vermelho”, como objetos de aprendizagem, no ensino da leitura literária, com vistas a possibilitar o desenvolvimento do leitor ativo e responsivo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da educação básica.

O hiperconto: um gênero da literatura digital em expansão

A emergência de novas tecnologias possibilitou o desenvolvimento de novas mídias, ou novos meios, para veicular história, informações, conhecimentos e novas formas de configurar as palavras com finalidades artísticas e estéticas. Nessa direção, a literatura digital vem ganhando adeptos na contemporaneidade. A literatura digital é aquela nascida no meio digital, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador. Katherine Hayles, no livro *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário*, define-a, em poucas linhas, como “[...] obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (HAYLES, p. 21, 2009).

A autora identifica diversas estéticas para este tipo de literatura, como ficção em hipertexto, ficção na rede interligada, ficção interativa, narrativas locativas, instalações, “codework”, arte generativa e poemas em Flash. No que tange ao conto, há que se destacar um gênero que desponta na Era Digital como grandes possibilidades literárias já adaptadas ao novo meio: o que chamamos de hiperconto.

O hiperconto configura-se como uma versão digital do conto tradicional impresso, sendo preservada a narratividade, intensidade, tensão, ocultamento, autoria, sem desprezar o caráter literário do texto. Em elaboração, podem ser utilizados recursos multimodais digitais para produzir efeitos de sentido, como imagens em movimentos, áudios, hiperlinks, visando à interatividade e à quebra da linearidade. Assim, o texto narrativo literário associa-se às novas tecnologias "[...] para possibilitar ao leitor participar do enredo de forma interativa, através de hiperlinks, que mobilizam e exploram vários recursos digitais" (ROJO, 2012, p. 101-102).

Em outras palavras, o hiperconto, caracteriza-se como uma versão do conto canônico para o ambiente digital. Na verdade, trata-se de um hipertexto digital, de tipologia narrativa, que permite a interatividade com o leitor, e integra o uso de hiperlinks, imagens, sons, dentre outras possibilidades.

A interatividade com o leitor, que escolhe os caminhos e os rumos da narrativa de acordo com opções pré-estabelecidas pelo autor, dá-se nos conflitos gerados na narrativa. Dito de outra forma, a cada conflito, o leitor se vê diante de escolhas que deve fazer para dar continuidade à leitura.

O texto, naturalmente, ainda deve ser o cerne do hiperconto, preservando seu caráter literário. Mas um bom hiperconto será capaz de aproveitar as ferramentas das novas tecnologias para potencializar a história que conta da mesma forma que os livros infantojuvenis, por exemplo, têm se utilizado da ilustração. Imagens, em movimento ou não, áudios, *hiperlinks*, interatividade e quebra da linearidade são apenas algumas das possibilidades desse gênero que, para ter qualidade literária não precisa utilizar todos esses recursos ao mesmo tempo, assim como há filmes belíssimos sem efeitos especiais. Evidentemente, esse tipo de trabalho nada mais é do que uma tentativa de explorar as novas ferramentas tecnológicas para produzir um texto literário narrativo.

Com o intuito de contribuir para um melhor tratamento dos conteúdos literários na disciplina de Língua Portuguesa para crianças e adolescentes da educação básica, e para que o ato da leitura literária se efetive como prática cotidiana, que possa produzir conhecimento e fruição, ou seja, que a leitura de um hiperconto, no caso, possa acontecer de forma integral e que traga prazer e reflexão, sobretudo pela própria leitura em si, a partir de agora exploraremos e discutiremos um exemplar da literatura digital: "Um estudo em vermelho". Essa exploração deverá ser feita buscando discutir suas particularidades, a forma como foi escrito, os recursos tecnológicos usados na sua estruturação, as

semioses e as modalidades empregadas, o gênero utilizado e sua importância para a composição da narrativa.

“Um estudo em vermelho”, produzido por Marcelo Spalding, é uma narrativa produzida num contexto hipertextual baseada no romance policial *Estudo em Vermelho* (*A Study in Scarlet* no original em inglês) escrito por Sir Arthur Conan Doyle, publicado originalmente pela revista *Beeton's Christmas Annual* em novembro de 1887. É um hiperconto que narra a história de um rapaz, cuja irmã desapareceu. Ambos são herdeiros de uma grande fortuna. Seus pais faleceram no recente acidente da *Air France* na costa do Nordeste. Os motivos do desaparecimento da irmã, que podem ser um sequestro, uma trama de amor e ambição, fuga, dão o tom da narrativa. Há 8 possibilidades de terminar a história, dependendo das combinações de escolhas que o leitor faz. O interessante aqui é que os personagens se cambiam de acordo com as escolhas que o leitor empreende. Há mudanças de comportamento, conseqüentemente, de caráter, entre outros. Na verdade, nesse caso, temos várias narrativas possíveis a partir de um começo.

Para realizar suas escolhas, o leitor deve, à medida que avança a sua leitura, clicar em *links* com as mensagens “Enviar” e “Responder”, pois a estrutura narrativa do hiperconto é elaborada utilizando-se o gênero digital e-mail. Ou seja, um personagem recebe um e-mail e deve respondê-lo. São apresentadas na tela duas possíveis respostas ao e-mail inicial e cabe ao leitor decidir qual das duas versões mais lhe agrada e, em seguida, clicar “Responder”.

Esse processo de realização de escolhas e intervenção continua acontecendo ao longo do hiperconto e, conforme as escolhas do leitor, é que poderá ter um final ou outro. Observa-se que nesse gênero há também uma ilusão sobre o poder de decisão do leitor em relação a seu final, que na verdade é controlado pelas possíveis combinações apresentadas. Por um lado se não houver esse controle, o autor corre o risco de ver sua proposta narrativa comprometida pelos caminhos tomados pelo leitor.

O desenvolvimento de narrativa do hiperconto inicia-se com o leitor enviando um e-mail a um detetive informando que sua irmã sumiu. O leitor passa, então, a fazer parte da narrativa, pois terá o seu nome inserido no texto. Isto ocorre porque, para acessar o texto, solicita-se que o leitor/usuário preencha uma página inicial com o seu nome e-mail. Desenrola-se, a partir daí, o enredo até um dos finais possíveis.

Em relação ao áudio, embora na narrativa do hiperconto não haja a utilização, ao acessar a primeira página, o leitor se depara com uma trilha sonora que o acompanha na tarefa de inserir o nome e o e-mail. Sem essa ação, é impossível acessar o conto e é ela que também que viabiliza a inserção do nome do leitor na história que está sendo narrada.

O desfecho de “Um estudo em vermelho”, ou seja, sua última “página”, é acompanhado por uma sonoplastia composta por sons de: um avião em processo de decolagem, uma máquina datilográfica e folhas de papel sendo amassadas. O som do avião decolando só faz sentido para o leitor quando ele chega ao final da leitura da página, quando o personagem diz: “Quando estiver lendo essa carta, meu avião já ter partido...”. O som da máquina de datilografia parece-nos meio descolado, haja vista que, especialmente por usar o gênero digital e-mail em sua estrutura narrativa, o mais lógico seria digitar a carta, imprimi-la e enviá-la ao seu interlocutor, ou mesmo enviá-la via correio eletrônico. O barulho das folhas de papel sendo amassadas sugere que a carta, ao final, não fora enviada.

Na composição desse hiperconto, não se encontram muitas semioses sendo utilizados, apenas o texto verbal – hiperlinkado e interativo com o leitor – e algumas imagens como o plano de fundo, que podem colaborar para a construção da narrativa e a produção de sentidos durante a leitura. O aspecto positivo do hiperconto é a possibilidade de interação apresentada, em que o leitor pode interferir no final da narrativa, conforme suas escolhas empreendidas ao longo do seu contato com o gênero.

Apesar de possuir uma forma tradicional das narrativas policiais, nesse hiperconto, fica claro que o leitor faz o papel do narrador, não no sentido tradicional do termo, mas sim no sentido de organizar a narrativa. Isso é bem diferente de tornar o leitor um escritor.

Por fim, o principal objetivo, a partir das reflexões aqui apresentadas, é potencializar a leitura literária na sala de aula da educação básica por meio da apresentação do gênero hiperconto. Ao aproximar a leitura e a literatura de alguém que não esteja habituado com livros, mas seja familiarizado com computadores e *tablets*, a literatura digital pode, sim, formar leitores, incentivar a leitura, sendo inclusive uma ótima ferramenta para a sala de aula. Apresentar um trabalho com a leitura de gêneros digitais multissemióticos como objeto de aprendizagem – neste caso específico, o hiperconto – possibilita aos professores estimular a produção de atividades de leitura verbal, não verbal, de gênero multimodal e digital em sala de aula.

Sob essa ótica, acreditamos que o trabalho com hipercontos, como estratégia metodológica que visa à aproximação do aluno da educação básica aos textos literários, pode contribuir para uma abordagem mais eficaz da leitura do texto literário e, por conseguinte, aumentar o desejo do aluno pelo ato de ler. No entanto, vale lembrar que partimos do pressuposto de que tais práticas devem evitar a dicotomia “ensino de gêneros digitais x gêneros não digitais”, uma vez que os alunos transitam nos dois ambientes o tempo todo.

Conclusão

Neste artigo analisamos as relações estabelecidas entre a mudança de suporte textual e o surgimento de uma literatura digital dirigida ao público infantojuvenil. Constatamos que os descolamentos no suporte da escrita implicam descolamentos no processo da leitura, talvez se possa falar no surgimento incipiente de uma nova identidade de leitor, a saber, o ciberleitor, mas um leitor ainda em formação, mas que aponta para traços inexistentes (ou inexistente em uma intensidade diferente) em relação ao leitor de livros impressos.

Os novos suportes textuais digitais estão ligados ao surgimento de uma linguagem marcada pela hipertextualidade e pela hipermedialidade, clarificando novas formas de fazer literatura. Nesse hibridismo linguístico, surge para o público infantil uma literatura digital a que estende e potencializa as situações de ludicidade e interatividade já delineadas pela linguagem não verbal frequente nos livros impressos.

Os exemplares de literatura digital encontrados na *web* são ótimas oportunidades para aproximar os estudantes da linguagem literária, do fazer literário. Muitos jovens não leitores são fisgados pelo aspecto lúdico desse tipo de literatura e acabam inclusive citando a literatura digital nas redes sociais e nas conversas em casa. Claro que como tudo é muito novo, os processos pedagógicos concernentes ao trabalho com a literatura digital em sala de aula ainda estão sendo descobertos e constituídos em meio às especificidades de uma cultura escolar ainda resistente à utilização das novas tecnologias no ensino.

Por fim, procuramos ainda mostrar neste artigo que a leitura literária na educação básica pode ser potencializada por meio da apresentação de um exemplar do gênero da literatura digital hiperconto: “Um estudo em

vermelho”, produzido por Marcelo Spalding. Trata-se de uma narrativa produzida num contexto hipertextual, em razão de suas possibilidades multissemióticas e pelas surpresas que se apresentam a cada capítulo ou a cada clique. Assim posto, esse gênero da literatura digital, configura-se como uma sugestão de objeto de aprendizagem voltado para o ensino da leitura literária e a prática de formação de leitor literário, por professores da educação básica em aulas de língua portuguesa.

Espera-se que a presente análise auxilie docentes e demais interessados em desenvolverem uma reflexão sobre a necessidade de se reformular o ensino da leitura literária na perspectiva da linguagem criada a partir de recursos hipertextuais e hipermediáticos da literatura digital, para que todos os alunos da escola pública possam desfrutar as produções culturais que o ambiente literário pode proporcionar, pois mais importante que entender e falar sobre a literatura é senti-la nas experiências dialógicas de leitura.

Referências

ANTONIO, Jorge Luiz. *Sobre poesia digital*. Disponível em: <http://arteonline.arq.br/museu/ensaios/ensaiosantigos/jlantonio.htm>. Acesso em: 14. mai. 2014.

BASEIO, Maria Auxiliadora; CUNHA, Maria Zilda da. Tecnologias e literatura para crianças. *Revista Literartes*, São Paulo, 2012. Sessão artigos. Disponível em: <http://revistas.usp.br/literartes/issue/view/3922/showToc>. Acesso em: 3 jul. 2017, p. 1-11.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF, 1998.

COSCARELLI, C.V. Hipertexto: quem ensina o quê? *Língua Escrita*, Belo Horizonte, n. 2, dez. 2007, p. 45-54.

_____. “Entre textos e hipertextos”. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 65-84.

COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.E. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CUNHA, Maria Zilda da. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009.

CUNHA, Léo. O ciberespaço nas páginas do livro infantojuvenil. *Revista Literartes*, São Paulo, 2012. Sessão artigos. Disponível em: <http://revistas.usp.br/literartes/issue/view/3922/showToc>. Acesso em: 3 jul. 2014. p. 1-13.

HAYLES, Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. *Literartes*, n.3, 2014 – artigo – Penha Élide GhiottoTuão Ramos Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

KIRCHOF, Edgar Roberto & ASSUMPÇÃO, Simone. O ciberleitor infantojuvenil: identidade e literatura digital. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 60, p. 176-194, 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*. Vol.4. n 1. Rio de Janeiro, 2001. p. 79-111.

RAMOS, Penha Élide GhiottoTuão. *Produção literária infantil: o que há no ciberespacinho?* *Literartes* 3 (2014): 68-81.

ROJO, Roxane. *Multiletramentos na escola*. Parábola Ed., 2012.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. *Do livro ao CD-ROM: novas navegações*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SANTAELA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. “O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia”. In: SIGNORINI, I. (org.). *[Re] discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo. Parábola, 2008, pp. 47-72

SILVA, Ezequiel Theodoro da. “Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente”. In: SOUZA, Renata Junqueira de. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. P.25-36

SPALDING, Marcelo. *Alice do livro impresso ao e-book: adaptação de Alice no país das maravilhas e de através do espelho para Ipad*. Tese (Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do sul). Porto Alegre, 2012.

VILAROUCA, Claudia Grijó. Breve análise de narrativas literárias digitais. *Revista Outra travessia*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, n. 2, p. 100-109, 2012.

XAVIER, Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

Recebido em 13/10/2017
Aprovado em 28/02/2018